



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS/ CAMPUS PALMAS
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS**

BRISALINA ALVES DO EVANGELO

IMAGINÁRIOS

PALMAS
2023

BRISALINA ALVES DO EVANGELO

IMAGINÁRIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso Superior de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa da Unidade *Campus* Palmas, do Instituto Federal do Tocantins, como exigência à obtenção do título de Licenciado (a) em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Wilken Figueredo Matos

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Nahete de Alcantara Silva

PALMAS
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

A474i Alves do Evangelo, Brisalina
 IMAEINÁRIOS / Brisalina Alves do Evangelo. – Palmas, TO,
 2023.
 48 p. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO,
2023.

Orientador: Me. Wilken Figueredo Matos
Coorientadora: Dra. Nahete de Alcantara Silva

1. Semiologia. 2. Úrsula. 3. Maria Firmina dos Reis. I. Matos,
Wilken Figueredo. II. Silva, Nahete de Alcantara. III. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins
de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).**

BRISALINA ALVES DO EVANGELO

IMAGINÁRIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso Superior de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa da Unidade *Campus* Palmas, do Instituto Federal do Tocantins, como exigência à obtenção do título de Licenciado (a) em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Wilken Figueredo Matos

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Nahete de Alcantara Silva

Aprovado em: 04 /12 /2023

Prof. Me. Wilken Figueiredo Matos
Orientador
IFTO - CAMPUS PALMAS

Prof. Ma. Fernanda Silva Neves
IFTO - CAMPUS PALMAS

Prof. Dr. André Vinícius Lira Costa
IFTO - CAMPUS PALMAS

À minha irmã, à minha mãe e à minha avó,
minhas primeiras mestras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha irmã, Kleisia, por durante toda a minha vida ter sido minha melhor amiga, por me dar força nos momentos de insegurança, por ser um ombro amigo nos momentos de dor e por me ensinar a ler. Você é gigante e eu sou feliz por ter podido crescer com você.

À minha mãe, Maria Francisca, por ser tudo que eu sempre precisei. A senhora é carinho, cuidado e proteção. Foi observando a sra. que eu aprendi como ser. Minha primeira docente, se esse trabalho existe é porque me ensinou a como escrever.

À minha avó, Maria da Felicidade, por ser um exemplo de força e amor.

Aos meus professores da educação infantil, do fundamental e da escola de ensino médio Luiz Gualberto Pimentel.

Ao meu orientador, Prof. Me. Wilken Figueredo Matos, por ser um profissional incrível e fazer com que eu me encantasse com a Teoria Semiociológica do Discurso. Obrigada pela dedicação e pelo carinho com o qual ouviu as minhas ideias e me ajudou a dar forma a elas. A sua amizade tornou todo o processo mais leve.

A minha coordenadora, Prof.^a Dr.^a Nahete de Alcantara, por ser uma docente admirável. A sua paixão e a sua alegria pela literatura são contagiantes. Obrigada pela sua amizade e por ser firme mesmo quando eu fui teimosa.

A banca examinadora por aceitar fazer parte desse processo tão importante para minha formação.

Ao Prof. Dr. André Lira por desconstruir todos os preceitos que eu tinha sobre a literatura e a poética, por ter se mostrado sempre disponível para tirar as minhas dúvidas e por ter feito o grupo de pesquisa “Poética e Hermenêutica”. Obrigado por ser um ótimo professor e pela amizade.

Aos meus professores do IFTO, por terem visões únicas sobre a docência, por serem profissionais dedicados e por transmitirem o amor que sentem pela sala de aula.

Aos meus amigos do curso de letras, em especial: Henrique Ribeiro, Lívia Mara, Paulo Lourenço, Gabriel Lopes, Monique Machado, Paulo Victor, Gabriel Rodrigues, Júlia Trindade, Jackeline Arruda, Mariana Prado e Mariana Rodrigues. Vocês tornaram a jornada no IFTO uma experiência maravilhosa e inesquecível.

Para todos aqueles que têm
que lutar pelo respeito que
todos os outros recebem sem
questionamentos.

(N. K. Jemisin)

RESUMO

Neste trabalho, analisaremos a obra *Úrsula* (1859), especificamente o capítulo IX intitulado “A preta Susana”, da escritora maranhense Maria Firmino dos Reis. Com o objetivo de identificar os imaginários sociodiscursivos de maternidade de mulher negra escravizada no período escravagista do Brasil. Para isso utilizaremos Análise do Discurso, particularmente a Teoria Semiolinguística criada pelo linguista Patrick Charaudeau como instrumento metodológico. Ademais, será usado também as contribuições das pesquisadoras Angela Davis (2016), bell hooks (2014), Conceição Evaristo (2005) e Lélia Gonzalez (2016). Nesta pesquisa buscamos estudar como constrói-se a comunicação da escritora com os seus leitores e quais estratégias comunicativas ela utilizou para concretizar a sua finalidade discursiva. Dessa forma, estudamos como a obra contribui com a desconstrução do imaginário da “mãe preta”, que é constantemente colocada como uma escravizada doce e submissa, que cuida com grande prazer dos filhos dos proprietários de escravizados. Fizemos isso com o objetivo de dissertamos como por trás desse imaginário existem outros que demonstram como a vivência dessas mães é construída através de abusos e perdas.

Palavras-Chave: Semiolinguística, *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis, Imaginários, maternidade.

ABSTRACT

In this work, we will analyze the work 'Úrsula' (1859), specifically Chapter IX titled 'The Black Susana,' by the Maranhense writer Maria Firmino dos Reis. The aim is to identify the socio-discursive imaginaries of enslaved black women's motherhood during the period of slavery in Brazil. For this, we will employ Discourse Analysis, particularly the Semiolinguistic Theory created by linguist Patrick Charaudeau as a methodological tool. Additionally, we will also draw on the contributions of researchers Angela Davis (2016), bell hooks (2014), Conceição Evaristo (2005), and Lélia Gonzalez (2016). In this research, we seek to study how the writer communicates with her readers and what communicative strategies she used to achieve her discursive purpose. Thus, we explore how the work contributes to the deconstruction of the 'black mother' imaginary, which is often portrayed as a sweet and submissive enslaved woman, taking great pleasure in caring for the children of slave owners. We do this with the aim of discussing how behind this imaginary, there are others that reveal how these mothers' experiences are constructed through abuse and loss.

Keywords: Semiolinguistics, Úrsula, Maria Firmina dos Reis, Imaginaries, motherhood.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Maria Ruiva.....	26
Figura 2 - Maria Loira.....	26
Figura 3 - Maria.....	26
Figura 4 - Mãe Preta.....	31
Figura 5 - Ato comunicacional e Sujeitos discursivos	36
Figura 6 - Quadro comunicacional	38

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	15
2.1 CONTRATO DE COMUNICAÇÃO E SUJEITOS DA LINGUAGEM.....	15
2.2 ETHÉ, SABERES E IMAGINÁRIOS.....	17
3. MARIA FIRMINA DOS REIS E SUAS OBRAS.....	22
3.1 PUBLICAÇÃO E RECEPÇÃO DA OBRA ÚRSULA.....	23
3.2 ANÁLISE DOS SUJEITOS DA LINGUAGEM.....	25
4. IMAGINÁRIOS.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
6. REFERÊNCIAS.....	45

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho estudou os imaginários sobre maternidade, de mulheres negras, presentes na obra *Úrsula* (1859), da escritora maranhense Maria Firmino dos Reis. Para isso, foram utilizadas categorias da Análise do Discurso. Além disso, a monografia também se materializou por meio das contribuições de importantes pesquisas que questionam e buscam explicações para as conjunturas que não só construíram os imaginários da obra como contribuíram para a romantização (dos imaginários que convergiam com a intenção discursiva da classe opressora) e o apagamento (dos que divergiam da ideologia dominante) de outros imaginários.

Em decorrência disso, uma única narrativa sobre a maternidade negra de mulheres escravizadas durante o período colonial brasileiro (1530-1822) foi cristalizada no imaginário coletivo. Historicamente, a literatura tem se consolidado como um meio importante para disseminar os discursos ideológicos dos grupos dominantes. Entre esses discursos, a base para a construção deste trabalho é o da "Mãe preta", que se caracteriza por romantizar a condição de escravização de mulheres negras e a relação maternal forçada com os filhos dos senhores de pessoas escravizadas.

Essa construção, realizada principalmente por sujeitos discursivos, em sua maioria homens brancos, por muito tempo foi o único imaginário sobre a maternidade negra presente na literatura brasileira. Em decorrência disso, ressalta-se a importância de estudar outros imaginários sobre a maternidade de mulheres negras, criados por sujeitos discursivos femininos negros. Com base nisso, desenvolve-se neste trabalho o conceito de "Imaginários", que apresenta uma concepção mais ampla e humanizadora do que foi a maternidade de algumas mulheres negras escravizadas.

Dessa maneira, este trabalho se estruturou para saber: Quais os imaginários sociodiscursivos sobre a maternidade negra estão presentes, na obra *Úrsula*, de Maria Firmino dos Reis?

Partindo disso, procuramos analisar o capítulo IX "*A preta Susana*" do livro *Úrsula*, através da Análise do Discurso, especificamente, a Teoria Semiolinguística. Sendo assim foi seguido os seguintes procedimentos: (i) identificar o contrato comunicacional do capítulo; (ii) Identificar os sujeitos da linguagem presentes no capítulo; (iii) descrever a situação comunicativa do capítulo; (iiii) descrever os *ethé* e

saberes que mobilizam os imaginários presentes no capítulo; (iiii) descrever os imaginários e identificar possíveis efeitos de sentido.

A pesquisa se justifica por explorar temáticas referentes aos imaginários sociodiscursivos sobre a construção da maternidade de mulheres negras, em situação de escravização, na literatura brasileira. Academicamente, esse trabalho se torna relevante por contribuir na construção de estudos que resgatem e valorizam narrativas feitas por mulheres negras para a desconstrução da maternidade de mulheres escravizadas. Além de que será possível contribuir para a ampliação de pesquisas discursivas que questionem as relações de poder hegemônicas que historicamente foram construídas na literatura brasileira. Uma vez, que a apresentação das supracitadas têm tradicionalmente se construído pelo olhar e interesse da branquitude.

Outrossim, também entende-se que o pesquisador ao construir seus estudos tem que elaborar sua pesquisa levando em conta o seu papel de agente social e a sua responsabilidade na construção acadêmica. Sendo assim, a pesquisadora deste trabalho coloca-se nesse lugar de responsabilidade em se aprofundar na sobrevivência de suas antepassadas e da linhagem delas, nesse período histórico marcado pela violência a seus corpos e o pagamentos de suas vivências. Além de que busca fazer isso ao estruturar o seu estudo com o interesse de que os impactos dele possibilita que professores em suas salas de aulas não só adotem essa obra como construam debates e reformulem suas práticas docentes com base em uma perspectiva decolonial e assim contribuir no processo de construção de uma sociedade que conheça e compreenda a importância de sua autoras negras e de estudar trabalhos que revisitam o passado e dão espaço para narrativas mais complexas sobre a vivência dos que foram oprimidos e estigmatizados.

A pesquisa também contribui para denunciar situações que ainda acontecem na sociedade brasileira. A maternidade que ainda hoje é negada a mulheres pretas e pobres que deixam de cuidar de seus filhos para criar os filhos de mulheres brancas ricas. Consequência, das dinâmicas sociais do período colonial.

Dessa forma, esta pesquisa busca visibilizar essas dinâmicas sociais, que até hoje são tão cotidianas, com o interesse em favorecer o debate em prol da reorganização social a fim de minimizar os impactos do racismo estrutural, hodiernamente ainda tão forte em nossa sociedade.

Desse modo, para conseguir desenvolver esse estudo, este trabalho se constituirá como uma pesquisa acadêmica. Uma vez que a pesquisa é um trabalho

que se propõe a encontrar explicações para questões incompletas. Como explica Gil (2010, p.17): “Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.

Ou seja, esta pesquisa se materializa como forma de sistematizar as informações disponíveis sobre o tema supracitado e além disso, construir uma pesquisa sobre o assunto utilizando de ferramentas da Análise do Discurso, especificamente os conceitos de imaginários construídos por Charaudeau (2017).

Sendo assim, para este trabalho foi escolhido o tipo de pesquisa básica. Já quanto aos seus objetivos, trata de uma pesquisa descritiva, porque por meio dela será utilizado uma base teórica sobre considerações de outros autores em relação ao tema. Consoante a isso, o método indutivo também irá compor o corpus deste trabalho, pois, a indução vai do específico para constatar algo generalizante. Como explicam Prodanov e Freitas (2013,p.28): “[...] Isso significa que a indução parte de um fenômeno para chegar a uma lei geral por meio da observação e da experimentação, visando a investigar a relação existente entre dois fenômenos para se generalizar”. Tal método se adequa a este trabalho, uma vez que se baseia em uma parte para levantar uma questão maior, ou seja, com base nos imaginários e ethos construídos no livro, já citado, se construirá o estudo referente à maternidade de mulheres negras escravizadas na literatura brasileira.

Ademais, dialogando com a categoria presente no tipo de objetivos escolhido, a abordagem terá um caráter qualitativo, pois como explica (CHIZZOTTI, 2006. p.26) “As pesquisas qualitativas [...] não tem um padrão único porque admitem que a realidade é fluente e contraditória [...]”, dessa forma será possível analisar criticamente os livros entendendo que nem sempre o que se encontrará é algo concreto como dados, mas uma realidade complexa.

A pesquisa é de cunho bibliográfica, “[...] quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, [...]” (PRODANOV; FREITAS 2013, p.54), pois por meio dos estudos das autoras Angela Davis (1981), bell hooks¹ (2014), Conceição Evaristo (2005) e Lélia Gonzalez (2016), sobre feminismo negro, maternidade e a apresentação das mulheres negras escravizadas na literatura, é que foi estruturado o trabalho. Sendo assim, foi feita a leitura da

¹ O nome da pesquisadora e autora norte americana bell hooks escreve-se com letras minúsculas, pois a autora queria que a atenção fosse para as suas obras e não para a sua pessoa.

obra, a leitura dos textos teóricos com o intuito de identificar o contrato de comunicação e descrever os imaginários presentes na obra.

Também foi discutida a situação em torno da obra e um resumo dela foi feito, para assim mencionar os sujeitos da linguagem encontrados na obra. Identificar os *ethé* e os saberes que mobilizam os imaginários sociodiscursivos de maternidade do livro e analisar os efeitos de sentidos que eles geram. Com o estudo da instrumentação metodológica e do aporte teórico será analisado o capítulo IX do livro *Úrsula*, da autora Maria Firmino dos Reis. A partir desse capítulo serão selecionados recortes, esse recortes foram analisados e deles retirados fragmentos que mostram as imagens produzidas pelo discurso da obra.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O presente trabalho irá desenvolver a sua fundamentação teórica na Análise do Discurso, especificamente, a Teoria Semiolinguística construída pelo pesquisador francês Patrick Charaudeau. Essa teoria busca estudar como o discurso perpassa por aspectos linguísticos, sociais e psicológicos. Uma vez, que é por meio dos atos de fala que sua ação acontece, e essa fala se contextualiza em um tempo, espaço e é feita por sujeitos psico-sócio-linguageiros.

A maneira pela qual abordamos o discurso insere-o numa problemática geral que procura relacionar os fatos de linguagem a alguns outros fenômenos psicológicos e sociais: a ação e a influência. Nessa perspectiva, o que se pretende é tratar do fenômeno da construção psico-sócio-linguageira do sentido, a qual se realiza através da intervenção de um sujeito, sendo, ele próprio, psico-sócio-linguageiro. (CHARAUDEAU, 2005, p. 1)

Ou seja, para o linguista Charaudeau o discurso se constrói por meio de um contrato de comunicação produzido por sujeitos psico-sócio-linguageiros que tem por causa de sua vivência histórico-social, imaginários coletivos. Tendo isso em consideração, serão abordados neste estudo os princípios sobre contrato comunicacional, sujeitos da linguagem e imaginários.

2.1 CONTRATO DE COMUNICAÇÃO E SUJEITOS DA LINGUAGEM

Segundo Charaudeau o contrato de comunicação é estruturado perante os seguintes critérios: o meio, a intencionalidade e o sujeito. O meio se caracteriza como a situação comunicativa onde a troca acontece, sendo assim, de acordo com Patrick o contrato de comunicação é “Um ato de linguagem, [...] esse ato depende da *identidade* dos parceiros, visa uma influência e é portador de *uma proposição sobre o mundo*. Além disso, realiza-se num tempo e num espaço determinados, o que é comumente chamado de situação.”(CHARAUDEAU, 2005, p.3, grifo do autor). Ou seja, o contrato de comunicação é o processo de mútua enunciação e influência feito por sujeitos da linguagem, esse processo é realizado em um contexto. Dessa forma o contrato de comunicação ocorre em um espaço determinado, com sujeitos que possuem intenções e que reciprocamente tentam convencer e entendem que estão sendo persuadidos.

Já a intencionalidade é caracterizada pelo linguista como “[...] todo sujeito que produz um ato de linguagem visa atingir seu parceiro, seja para fazê-lo agir, seja para afetá-lo emocionalmente, seja para orientar seu pensamento.”(CHARAUDEAU, 2005, p.2). Dessa forma, compreende-se que o discurso produzido durante um contrato comunicacional tem em seus objetivos a influência do seu sujeito interpretante, buscando afetá-lo de alguma forma. No entanto, cabe explicar que todo sujeito receptor-interpretante sabe que é alvo de influência e esse exercício tem restrições.

Outrossim, os sujeitos na semiolinguística são constituídos pela seguinte perspectiva:

[...] o ato de linguagem se realiza num duplo espaço de significância, o externo e o interno à sua verbalização, determinando dois tipos de sujeitos de linguagem: os parceiros, que são os interlocutores, sujeitos de ação, seres sociais que têm intenções - que chamamos de *sujeito comunicante* e *sujeito interpretante*; e os protagonistas que são os intra-locutores, os sujeitos de fala, responsáveis pelo ato de enunciação - os quais chamamos de (*sujeitos*) *enunciador* e (*sujeito*) *destinatário*. (CHARAUDEAU, 2005, p. 3)

Em outras palavras, os sujeitos se compõem enquanto comunicante e interpretante graças ao outro, pois é o outro sujeito que se forma como ouvinte ou interlocutor. Essa dinamicidade é fluida cabendo ao sujeito alterar essa posição. Além do mais, os sujeitos da linguagem se constroem por atos de linguagem psico-sócio-linguageiras, o que quer dizer que eles são seres do mundo que são influenciados e conseqüentemente construídos por ele, sendo os sujeitos então resultado de uma vivência social e psicológica.

Outrossim, cabe explicar que para o estudioso francês Charaudeau (2009, p. 309): “A filosofia contemporânea – principalmente a fenomenologia - tem tratado esta questão como o fundamento do ser: a identidade é o que permite ao sujeito tomar consciência de sua existência [...]”, ou seja, para o indivíduo se tornar um sujeito ele precisa tomar consciência de si, pois é a partir da consciência de que se é um ser histórico, social, psicológico e discursivo é que os indivíduos entendem a si mesmos.

Além disso, o indivíduo entende-se enquanto sujeito quando está em contato com outro sujeito como explica Charaudeau (2009, p.1):

Vê-se então o paradoxo no qual se constrói a identidade. Cada um precisa do outro em sua diferença para tomar consciência de sua existência, mas ao mesmo tempo desconfia deste outro e sente necessidade ou de rejeitá-lo, ou de torná-lo semelhante para eliminar a diferença.

Em outras palavras, para o pesquisador francês os indivíduos compreendem-se enquanto sujeitos com a noção do outro. O que acaba gerando uma relação de impugnação pelo diferente e algumas tentativas de tornar o diferente em igual, mas ao fazer isso perde-se a noção de individualidade. Então, os sujeitos tendem a desenvolver um senso de regulação. Onde, eles rejeitam e aceitam os outros sujeitos.

Um exemplo disso, é a relação racial que é construída no Brasil, por um lado as mulheres negras são constantemente ridicularizadas e desumanizadas mas também os seus corpos são tidos como objeto de fetiche carnavalesco e a sua maternidade apropriada por pessoas brancas.

Dessa forma o sujeito é também composto por identidades: identidades sociais, o que caracteriza ele perante a sociedade, e identidades discursivas, que é feita pelo sujeito no ato da fala. Dessa forma um sujeito que, por exemplo, é mãe tem a sua identidade social construída pelos meios biológicos e sociais. Já a sua identidade discursiva é a construção de uma imagem que o sujeito cria para ele mesmo durante o processo da fala.

Sob esse viés, é importante destacar que o sujeito discursivo depende de “credibilidade” e “captação”. De outra maneira, o sujeito discursivo precisa de legitimidade para falar seja em um âmbito político, jornalístico e social. Como explica Charaudeau (2009, p.3, grifo do autor) “[...] uma outra legitimidade, aquela que é atribuída *de fato*, pela força do reconhecimento, por parte dos integrantes de uma comunidade, do valor de um de seus membros.”. Dessa forma, os sujeitos discursivos precisam ter autoridade para que possam enunciar e além disso eles precisam utilizar de estratégias para que possam captar o interlocutor.

2.2 ETHÉ, SABERES E IMAGINÁRIOS

O ethos e o imaginário possuem uma relação de influência. Visto que o ethos trata da imagem que os indivíduos formam de si mesmos para o mundo e o imaginário é desenvolvido com base nos ethos e nos saberes presentes na sociedade.

Assim dizendo, o ethos que será abordado neste estudo é o conceituado pelo filósofo grego Aristóteles que de acordo com a pesquisadora Fiorindo (2012, p.1 apud AMOSSY, 2005):

A partir da nossa enunciação, projetamos um autorretrato {sic} no qual necessariamente imprimimos qualidades, ocasionando assim uma representação de nossa autoimagem, pois modos de dizer produzem uma imagem daquele que enuncia. Desde os antigos gregos, esse autorretrato {sic} discursivo, conhecido como ethos, caracteriza-se como “a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório”.

Além disso, o ethos não é feito a partir de elementos extralinguísticos, pelo contrário é feito com base no que é dito. É através do ato de linguagem que o sujeito constrói o seu ethos para a sociedade.

Outrossim, os imaginários sociodiscursivos utilizados por Charaudeau não vão de encontro com o uso recorrente do termo imaginário, que seria algo fictício. Para o pesquisador francês imaginário é:

O imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário possui uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação. (CHARAUDEAU, 2017, p. 578)

Assim dizendo, os imaginários permitem que os indivíduos justifiquem as suas ações. Na medida que, os sujeitos são movidos pelos seus saberes sociais que são também construídos psicologicamente. No entanto, é importante ressaltar que os imaginários possuem múltiplos aspectos, que podem ser tanto positivos quanto negativos, diferente dos estereótipos que são sempre negativos.

Ademais, os saberes são o que permitem aos sujeitos conceituar e categorizar o mundo e eles próprios. Tal processo possui diversas influências e diferentes formas de se construir, tendo isso em mente Charaudeau organiza os saberes em diferentes formas.

[...] a mecânica das representações sociais gera, através da produção de discursos, os saberes que se estruturam em saberes de conhecimento e saberes de crença, os quais se configuram, por sua vez, em tipos de

saberes. É a partir desses tipos de saberes, e sempre por meio da produção discursiva, que se organizam os sistemas de pensamento conforme os princípios de coerência que criam teorias, doutrinas ou opiniões. (CHARAUDEAU, 2017, p. 580)

Em outras palavras, o pesquisador francês afirma que a partir da vivência em sociedade os indivíduos vão adquirindo conhecimento suficiente para conseguir compreender o mundo. Essa compreensão se dá por meio de saberes, saberes esses que Charaudeau categorizou da seguinte forma. Os saberes de conhecimento, quando o mundo impõe-se ao sujeito, e os saberes de crença, quando o indivíduo ao ter contato com mundo constrói seus próprios julgamentos.

Desses saberes apresentado por Charaudeau, a pesquisa focou nos saberes de crenças, pois são eles que constroem na mente dos indivíduos a aceitação e a coerência de suas ações “[...] a crença procede do olhar que o sujeito tem sobre a legitimidade dos eventos e das ações do homem.” (CHARAUDEAU, 2017,p.582). Em conformidade com os saberes é que se compõem os imaginários, pois tendo sido consolidada a opinião do indivíduo sobre determinado grupo, a imagem feita desse grupo se manifesta discursivamente.

Os saberes de crença dividem-se em “o saber de revelação e o saber de opinião.”(CHARAUDEAU, 2017,p.583), o que diferencia esses dois tipos de saberes é que o de revelação baseia-se em uma verdade fora do indivíduo, mas não apresenta provas concretas ou científicas como os saberes de conhecimento exigem. O saber de revelação é presente nas crenças religiosas cristãs que tem a bíblia como sagrada e que acreditam em suas profecias, apesar de não existirem comprovações.

Já os saberes de opinião não possuem escrituras sagradas com verdades absolutas “[...] um universo de saber onde se deve admitir que existem inúmeros julgamentos a respeito dos fatos do mundo, [...] o sujeito faz uma escolha segundo diversas lógicas [...] e nos quais mais intervém a razão que a emoção.”(CHARAUDEAU, 2017, p.584). Assim, o sujeito entende que o seu conhecimento sobre determinado conceito pode, constantemente, ser colocado em dúvida e que a racionalização precisa estar em detrimento das questões subjetivas.

Com base nisso, os saberes de opinião se subdividem em: saberes de opinião comum, saberes de opinião relativos e saberes de opinião coletivo. Os saberes comuns constroem-se com base em “provérbios, ditados e outros enunciados de valor geral” (CHARAUDEAU, 2017, p.585), normalmente os

indivíduos que o utilizam apropriam-se deles, pois são saberes que foram construídos por um coletivo exterior a eles. A opinião relativa é concebida por um indivíduo ou por um grupo restrito. Sendo assim, tem que lidar constantemente com críticas e embates.

Já a opinião coletiva “[...]é a que um grupo exprime a respeito de outro grupo.”(CHARAUDEAU, 2017, p.586), em outras palavras, é um saber utilizado para a aceitação ou rejeição de outro grupo. Por exemplo “ A preta é para trabalhar, a mulata para transar e a branca para casa” ou seja, essa é uma opinião coletiva feita por um grupo de sujeitos discursivos brancos sobre a posição social que determinados grupos raciais de mulher devem ocupar. Dessa forma, a mulher branca e somente ela possui os atributos necessários para casar-se o que nessa estrutura consequentemente leva a maternidade. Fazendo dela esposa e mãe.

Sendo assim, para a preta e a mulata caberia unicamente a posição de instrumento para esse grupo discursivo, o que poderia dizer-se também sobre a branca mas sob uma perspectiva diferente, e para as mulheres de cor o matrimônio e a maternidade é automaticamente apagada nessa enunciação.

Sob esse viés, são construídos os imaginários coletivos, pois através da imagem discursiva que os sujeitos caracterizam-se e categorizam os outros é que os imaginários são socialmente consolidados. No entanto, como a área do discurso envolve sempre interesses é evidente que os indivíduos usam manobras discursivas para elevarem-se perante outros grupos:

É desses tipos de saberes que se alimentam os imaginários, evidentemente, jogando muitas vezes com essas categorias, apagando as pistas, fazendo passar um saber de crença por um saber de conhecimento, um saber de opinião por um saber de revelação, introduzindo um saber de opinião relativa com o papel de um saber de opinião comum, transformando um saber teórico em saber de doutrina (o Marxismo), fazendo crer que um saber de revelação é também fundado em saber científico (as seitas). (CHARAUDEAU, 2017, p. 586)

Tal estratégia discursiva de fazer saberes subjetivos de um grupo passa por um saber de conhecimento foi principalmente muito usado em teorias racistas que distorceram os estudos de Darwin para justificar as atrocidades feitas durante a escravização. Diversos estudiosos manipularam os estudos sobre evolução para justificar que pessoas que não fossem caucasianas eram inferiores e que cabia aos brancos civilizá-los.

A utilização de maneira capciosa dos saberes como meio de legitimar atrocidades não se configura como estratégia discursiva apenas durante o período escravagista; trata-se de uma prática com uma extensa história, tanto no passado quanto no presente, e possivelmente no futuro.

3. MARIA FIRMINA DOS REIS E SUAS OBRAS

Maria Firmina dos Reis foi uma das primeiras escritoras mulher no Brasil e a primeira escritora negra com um livro publicado na América Latina. Segundo como o pesquisador negro e ativista José Nascimento Moraes Filho (1975) ela foi uma escritora e professora que nasceu no Maranhão:

D. Maria Firmina dos Reis - Filha de João Pedro Esteves e dona Leonor Felipa dos Reis nasceu na cidade de São Luís do Maranhão a 11 de outubro de 1825. Dedicando-se ao magistério, regeu a cadeira de primeiras letras de São José de Guimarães desde agosto de 1847 até março de 1881 quando foi aposentada. Em 1880 fundou uma aula mista em maçarico, termo de Guimarães, cujo o ensino era gratuito para quase todos os alunos, e por isso foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio. Cultivou a poesia e tanto em verso, como em prosa escreveu algumas obras de que as mais conhecidas são:

Cantos à beira-mar: Poesia.	São Luís ...
Úrsula: romance	São Luís ...
A Escrava: romance	São Luís ...

Em outras palavras, Maria Firmina dos Reis foi uma mulher negra filha de um homem negro que conseguiu não só se dedica a carreira do magistério como foi uma escritora que teve uma presença marcante nos jornais da época devido a sua escrita literária. Além disso, apesar de viver em um período marcado pela segregação do negro, da mulher e do pobre a escritora usou da sua formação e experiência com o magistério para dar aulas simultaneamente para ambos os gêneros e para estudantes que não poderiam pagar por aulas.

Infelizmente, pouco tempo depois, Reis foi impedida de continuar com as aulas e apesar de ter tido um reconhecimento local, com a suas obras, durante cerca de um século o seu livro *Úrsula* foi esquecido. Tal dinâmica seria algo recorrente na trajetória da escritora, pois apesar de ela esta a frente do seu tempo as estruturas sociais do século XIX eram extremamente rígidas e por mais que barreiras fossem ultrapassadas, quando se é mulher e, principalmente, negra o apagamento de seus feitos é um fator recorrente para manter a integridade do sistema opressor.

No entanto, com as mudanças sociais e os esforços de diversos pesquisadores, na contemporaneidade, está sendo cada vez mais possível ter acesso à vida e obra da escritora. Observa-se isso, pois o reconhecimento sobre a importância da autora só começou de fato quando o bibliógrafo Horácio de Almeida

encontrou o livro *Úrsula*. Segundo Almeida (1975) após encontrar a obra, ele dedicou-se a procurar pela identidade da pessoa que havia escrito o livro, pois no livro original constava apenas: “por Uma Maranhense”. Ele encontrou a autoria da obra no *Dicionário* de Sacramento Blake. Após o descobrimento da autoria do livro e que ele finalmente começou a ter mais espaço e visibilidade.

Desde então, diversas novas edições de *Úrsula* já foram publicadas e diversos trabalhos acadêmicos produzidos. No entanto, neste trabalho iremos nos ater a como as primeiras impressões do livro foram feitas e qual foi a recepção dela.

3.1 PUBLICAÇÃO E RECEPÇÃO DA OBRA *ÚRSULA*

No século XIX ainda não existia um mercado editorial no Maranhão, dessa forma era comum que as tipografias e livrarias estabelecessem assinaturas para a venda dos livros. Como explica a doutora em Literatura Brasileira Luciana Martins Diogo (2018):

No nascente mercado literário do século XIX, era bastante comum que “editores” empregassem a estratégia de assinaturas para venderem seus livros. Chamadas também de subscrições, as assinaturas conformavam um tipo de venda baseada na confiança estabelecida entre proponentes e leitores (subscritores) —estes últimos comprometiam-se a pagar quando fossem receber o exemplar, garantindo, com isso, a publicação da obra.

Em outras palavras, compreende-se que um dos métodos de publicação e venda adotado pelos editores do período era o de conseguir a confiança de um número expressivo de leitores que se comprometessem a comprar os livros por eles indicados. Dessa forma com as inscrições necessárias se conseguiria pagar os custos de produção.

Entretanto, para a publicação do livro de Maria Firmina dos Reis foi utilizado uma estratégia diferente Diogo (2018):

Segundo Antonia Souza, o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, recebeu uma subscrição anunciada de forma independente e [...] ,aproximando-se muito mais de uma resenha, já que apresentava um longo prospecto sobre a obra e a autora, que embora mantida anônima, era referida como “jovem maranhense”, “autora brasileira”, explicitando que a autora era mulher.

Ou seja, para que o livro *Úrsula* inicialmente fosse publicado foram feitos anúncios independentes sem que houvesse uma biblioteca ou um editor por trás e o nome da autora não era divulgado, mas ele deixava claro que era um livro publicado por uma mulher maranhense.

A pesquisadora Diogo (2018, p. 77 apud Ximenes, 2017) também ressalta que o livro teve 50 anúncios e que essa divulgação durou em média dois anos em meio, o que de acordo com ela demonstra como a obra já naquele período possuía um número expressivo de leitores.

Outrossim, para termos uma noção de como a obra foi recepcionada em sua época iremos apresentar um trecho de uma resenha do romance *Úrsula* feito em 17 de outubro de 1857 pelo jornal *A Imprensa* e publicado na terceira página:

[...] Túlio e Susana representam essa porção do gênero humano tão recomendável pelas suas desditas — O Escravo! —. A autora tem meditado sobre a sorte desses desgraçados entes, tem-lhes escutado as lacrimosas nênias e o gemer saudoso, a recordação de uma vida que já lá passou, mas que era bela nas regiões da África!... É um brado a favor da humanidade — desculpai-a... [...]

De maneira resumida, a resenha possui uma visão positiva do texto de Reis ressaltando o caráter nacionalista do texto e a pureza nos corações do casal de protagonistas *Úrsula* e Tancredo. Todavia, apesar de o jornal não abertamente criticar a autora por abordar o tema da escravização pela perspectiva do escravizado, mas ao pedir que o público “desculpai-a” ele assume que seja provável que uma parcela significativa dos leitores a recriminariam por isso. Consequência de uma parcela dominante dos leitores caracteriza-se pelo fato de serem homens e mulheres brancos, livres e com certo grau de envolvimento com o sistema econômico vigente no período, a escravização.

3.2 ANÁLISE DOS SUJEITOS DA LINGUAGEM

Para Charaudeau (2008, p.52) a situação de comunicação é o que proporciona o ato da linguagem, sendo isso, os aspectos físicos, identitários e as características do contrato de comunicação. Com base nas pesquisas de Charaudeau sobre a situação de comunicação iremos analisar como se desenvolveu a situação de comunicação envolvendo o livro *Úrsula*. A seguir o diagrama feito pelo pesquisador já supracitado:

Figura 5 – Ato comunicacional e sujeitos discursivos



Fonte:Charaudeau, 2008.

Charaudeau compreende que a troca comunicacional nem sempre acontece da forma que os sujeitos planejam, pois durante a interação linguageira o que o pesquisador constatou é que existem quatro sujeitos. Tal, concepção do ato da linguagem permite compreender que por existirem tantos sujeitos em uma situação comunicacional acaba por gerar uma comunicação polifônica

O sujeito comunicante (EUC) é o sujeito responsável por iniciar o processo de produção da fala. Esse EUC imagina um sujeito destinatário (TUD) que seja adequado às suas intenções comunicativas, algo como o interlocutor ideal para o seu objetivo convencimento. Por exemplo, um EUC, negro, ao iniciar a sua fala sobre a escravidão, busca convencer o seu interlocutor TUD, branco, que uma das formas de legitimação da escravidão foi a desumanização de pessoas negras. Para

que o EUC consiga influenciar o TUD, o EUC partira do suposto que o TUD é um interlocutor que está aberto a discussões raciais e que compreende que a escravidão só foi concretizada por que teve “legitimação social” ou seja, a escravidão foi justificada por meio de pesquisas científicas racistas e leis racistas. Além disso, o EUC constrói uma imagem para si durante o processo de produção que seria o sujeito que enuncia (EUE) e que por meio da fala representa as intenções do EUC.

Já o sujeito interpretante (TUI) é para quem a mensagem é destinada, ele pode ser igual ao TUD que o EUC idealizou ou ele pode ser diferente. Em casos onde o TUI é divergente do TUD ele vai acabar criando uma imagem do EUC, sujeito comunicante, para analisar as intenções dele. Esse é o processo de interpretação, o que acaba gerando uma imagem do sujeito falante (EUE) criado pelo TUI que seria o (EU’).

Além de tudo isso, o trabalho também irá desenvolver-se por meio das contribuições da pesquisadora brasileira Ida Lucia Machado, pois ela foi aluna do linguista Jean Peytard e em sua atuação como professora de literatura francesa Machado trabalhava a junção dos quadros feito por Peytard (1983) e Charaudeau (19883). Uma vez que, o professor Peytard já havia feito um quadro tratando das múltiplas vozes presentes no texto literário antes de Charaudeau como Machado explica

Em Charaudeau (2013), podemos observar como a gênese deste quadro se deu, em meio a uma efervescência peculiar de teorias sobre a linguagem. Assim, o autor afirma que o modelo polifônico seria uma coincidência com um outro modelo pensado para o texto literário, de autoria de Jean Peytard (1983). [...] As duas propostas são o retrato da vontade de definir um sujeito não mais único, mas fragmentado numa multiplicidade de vozes e papéis sociais bem como papéis discursivos.

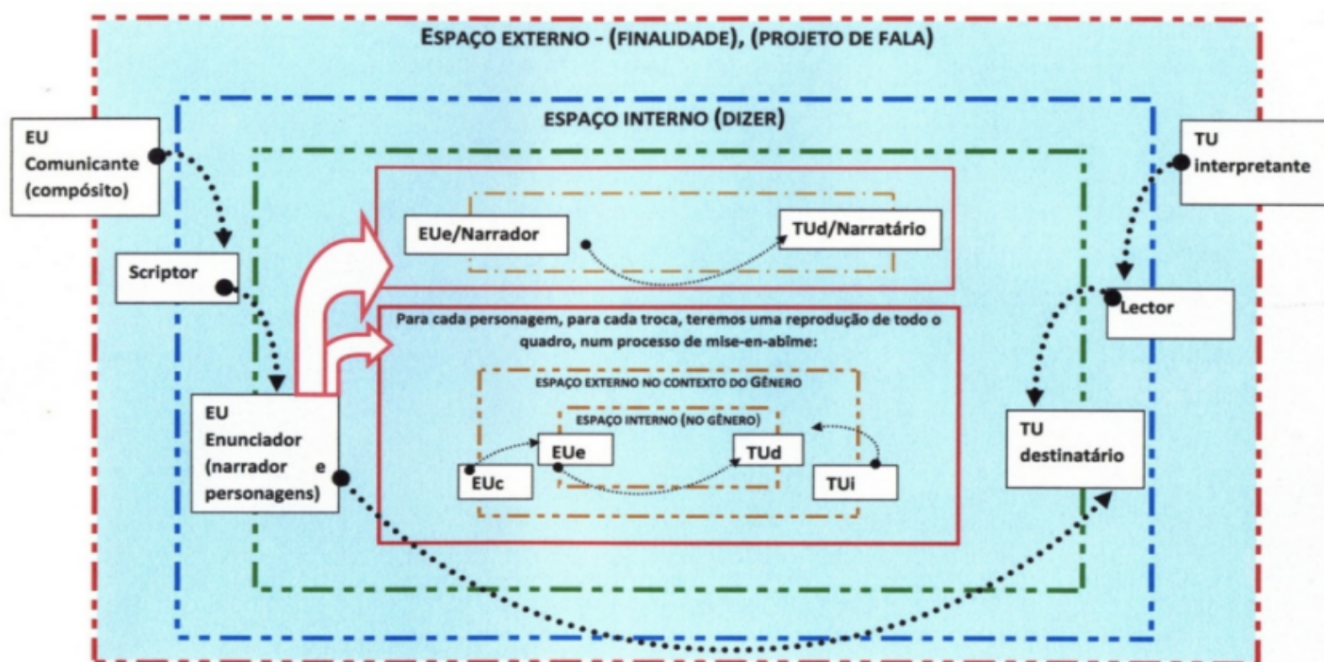
Ou seja, enquanto o linguista Peytard propôs um quadro para estudar as diversas facetas do sujeito no texto literário, o pesquisador Charaudeau formulou o seu quadro visando também a polifonia, mas com um foco na situação comunicativa.

Ao fazer uma junção dos quatro a linguista Machado inseriu a figura do *scriptor* no quadro sobre os sujeitos. Originalmente, o *scriptor* foi conceituado por Peytard e que de acordo com ele o *scriptor* tinha a função de organização e construção do texto literário. Mas cabe ressaltar que, para Machado a figura do *scriptor* adquire um papel diferente, um pouco mais amplo. Segundo (Machado; Mendes, p.7) “Na nossa concepção, [...] o *scriptor* é um ser de papel que

perpassa gêneros que têm predominância do modo de organização narrativo do discurso, conforme definição dos modos de organização em Charaudeau (2008b).”, ou seja, com base na figura do *scriptor* os sujeitos do quadro sobre a situação de comunicação passaram a adquirir mais um aspecto polifônico, pois agora os sujeitos que eram EUc e TUi são agora também *Scriptor* e *lector*.

Vale ressaltar que, quando Charaudeau desenvolveu o quadro sobre a situação de comunicação ele o fez visando uma troca comunicativa factual. No entanto, Machado e Mendes ao construir um quadro junto com o de Charaudeau e com o de Peytard, elas tinham o foco no discurso ficcional, mas as pesquisadoras perceberam que o quadro adequa-se a situações comunicativas sem dar foco para o caráter factual ou não.

Figura 6 – Quadro comunicacional



Fonte: Machado e Mendes, 2012.

Aplicando o capítulo IX *A preta Susana* da obra *Úrsula* ao quadro formulado por Machado e Mendes compreende-se que na situação externa ao ato da fala, local de onde se constrói o propósito comunicativo encontra-se o sujeito comunicante (EUc), que é um sujeito compósito de constituição física e identidade discursiva: Maria Firmina dos Reis é uma mulher negra, professora, escritora de textos literários, cidadã preocupada em dar voz às mulheres negras e forte opositora da escravização.

Nesse EUC de natureza compósita teremos que agregar os jornais que fizeram resenhas da obra, pois através da subscrição independente é que o livro *Úrsula* foi publicado, sendo assim, encontra-se materializado o papel social da escritora. Visto que, para que um livro seja publicado, há toda uma equipe com diferentes funções agindo de modo colaborativo. Essa análise do contrato de comunicação delimita-se aos componentes presentes no período da publicação original, ou seja, o Brasil regido pelo sistema escravagista.

Além disso, existe a figura do scriptor que é responsável pela organização do romance, é ele que coordena o discurso construído pela autora, mas enuciado pelos personagens personificados no EU enunciador que é narrador e personagem (EUE), é o ethos discursivo que a escritora constrói de si para conseguir o seu propósito comunicativo, mas reestruturado pelo scriptor. Além do mais, a partir dele se desenvolve outro quadro com narrador e narratário.

Já o *lector* é a construção dos leitores em geral de livros de romance é com ele que o scriptor se comunica. O lector mantém um TU destinatário (TUD), mas ele não dá origem a outro quadro comunicacional. Em razão de que o (TUD) ser uma idealização construída pelo EUC. Ele seria o leitor que simpatiza com as críticas ao sistema escravista. Ou seja, o TUD é para quem a construção discursiva é direcionada e não originada.

Além de que, no espaço interno da enunciação o EUE/ Narrador é sujeito discursivo negro que conhece os imaginários de mulheres negras escravizadas e entende que mulheres negras são, nessa sociedade, perpetuadas como animais incapazes de amar ao constatar isso o EUE ver com criticidade essa construção. No capítulo IX do romance esse narrador apresenta o seu projeto comunicacional ao descrever a personagem Susana da seguinte forma: “E aí havia uma mulher escrava, e negra como ele; mas boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe [...]”. Por meio disso, ele usa de sua voz para apresentar esse problema para o leitor e o desestrutura, pois o EUE sabe que nessa disputa discursiva o seu leitor possui uma visão definida sobre o que é uma escravizada negra. No entanto, esse EUE/ Narrador compreende que apesar de tudo o TUD/Narratário é uma construção discursiva do leitor que ouve atentamente tudo e com uma cumplicidade.

Ainda na organização interna é feita essa construção: EUC que seria uma mulher negra como personagem secundária, mas que desenvolve o subtexto do romance. Sob esse viés, nota-se que o livro centraliza-se no romance de *Úrsula* e

Tancredo, mas concretiza a sua intenção discursiva no diálogo entre Susana e Túlio. E Ue estabelecido agora constrói-se na personagem Susana, dado que é por meio dela que o projeto de fala de Reis se materializa. Uma vez, que é ao desenvolver os outros imaginários sobre mãe que essa única personagem tem, é que a autora do livro desconstrói a romantização historicamente perpetuado por autores brancos. Sobre um passado saudosista onde eles eram amados por uma escravizada negra sem levar em conta que ela sofreu diversas violências para esta naquela situação. Além de ignorar que o cuidado a crianças brancas foi uma imposição e não uma escolha.

O TUi das personagens são os possíveis leitores da história que surgiram a partir da narrativa da personagem Susana. O TUd das personagens seria a narradora que é sujeitada como ouvinte e que busca mediar o imaginário vigente com a vivência das mulheres negras escravizadas e consolida isso na sua escrita.

4. IMAEGINÁRIOS

O livro *Úrsula* é um romance, do século XIX, a frente de seu tempo tanto pelo fato de que sua autora foi uma mulher negra nordestina, mas para além disso, na obra temos fortes denúncias sobre as condições cruéis que mulheres eram submetidas devido ao regime patriarcal e escravocrata daquela época.

A obra de Maria Firmino dos Reis, possui um enredo que apresenta diversos tipos de maternidade. No entanto, este trabalho dedica-se a estudar o capítulo “*A preta Susana*”, pois é nele que verificaremos se há a presença dos imaginários de maternidade de uma mulher negra.

Com o objetivo de contextualizar, segue-se um breve resumo da obra até chegar ao capítulo citado anteriormente. A história começa quando Túlio, um jovem negro, encontra Tancredo, um jovem rico, que se feriu após cair do cavalo. Túlio leva Tancredo para a casa da protagonista da história, a jovem Úrsula, e da mãe doente dela, Luiza B., pois elas são as pessoas que o têm como escravo. Úrsula cuida de Tancredo e, após a recuperação dele, ele compra a liberdade de Túlio como forma de demonstrar gratidão. Com a melhora de Tancredo, ele planeja ir embora e Túlio decide acompanhá-lo. Antes de partir, Túlio se despede de Susana, uma escrava idosa que ele vê como mãe. Antes de ir, Tancredo e Úrsula confessam o amor que acabam nutrindo no curto período de tempo em que o moço tinha ficado na casa dela.

Em seguida, Tancredo vai até a sra. Luiza B. pedir a mão de Úrsula em casamento. Durante a conversa que ele teve com a sra. Luiza B., ela acaba revelando que tem um irmão, o comendador Fernando P., e que esse irmão assassinou o marido dela. Ela também revela que está feliz por encontrar alguém para cuidar de sua filha antes de partir.

Entretanto, depois da partida de Tancredo, o tio de Úrsula havia encontrado ela e ficado obcecado pela jovem. Depois disso, a dona Luiza B. morre. Úrsula e Tancredo se reencontram e tentam fugir do tio da moça, que enquanto os procura assassina a escravizada Susana. Por fim ele consegue matar Túlio e Tancredo. O comendador Fernando P. sequestra Úrsula, mas pouco tempo depois ela morre e, com a partida de Úrsula, chegando ao fim da trama, o comendador também morre.

Em sua obra, Maria Firmino dos Reis constrói personagens interessantes como Túlio, um homem negro complexo, bondoso e que não cai nos estereótipos

predominantes na literatura brasileira de homens pretos como malandros ou infantilizados.

No entanto, a autora cai em alguns maniqueísmos, onde algumas personagens femininas são puras e boas enquanto outras são perversas, além de sexualizadas. Criando um contraponto muito simplório, que provavelmente se deve a época.

Voltando a análise, ao longo do capítulo “*A preta Susana*” é mostrado como ambos os escravos têm uma relação de mãe e filho, porém o texto deixa explícito que isso só se concretiza porque Susana é uma negra “diferente”: “E aí havia uma mulher escrava, e negra como ele; mas boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe [...]” (Reis, 2018. p.118). Na citação acima é estabelecido que Susana é uma mulher escrava e negra, logo em seguida é colocada a conjunção “mas”, conjunção essa sendo adversativa, o que segundo o dicionário digital Priberam significa “Que estabelece oposição ou diferença”. Após a oposição é colocado em seguida que Susana é boa, compassiva e que serviu de mãe. Ou seja, no enunciado é colocado que por mais que a personagem seja negra e esteja em condição de escravização ela, ainda assim, é um ser que possui qualidades que a permitem ser mãe.

A compreensão disso pode se dar por meio do conhecimento sobre a construção do imaginário de mãe, especificamente o da mãe branca cristã, que foi estabelecido no Brasil. Apesar desse imaginário não ser o foco da pesquisa, um olhar sintetizado sobre ele nos permitirá entender a necessidade da autora em deixar entendido que Susana é preta e é mantida em situação de escravização, mas que isso não a impede de ser uma boa mãe. Sendo assim, é importante entender o que é uma mãe no Brasil e como esse conceito foi construído.

A maternidade no Brasil construiu-se por meio da religião judaico-cristã, especificamente a católica, trazida pelos jesuítas. No catolicismo a figura suprema sobre o ideal de mulher, mas principalmente de mãe recai sobre Maria. Ela é a imagem de doçura e amor. Entretanto, apesar de Maria ser judia, a perspectiva imagética que se consolida no Brasil é a feita durante a Idade Média onde a construção do ethos de Maria em nada se diferenciava das mulheres europeias, mulheres que, em geral, são brancas.

Tendo esclarecido previamente que o imaginário de maternidade branca não é o foco da pesquisa, a seguir, observamos de maneira superficial esse imaginário por meio de pinturas.

Figura 1– Maria ruiva



Tela de Fra Angelico, "A Virgem da Humildade" (1395-1455)

Na segunda imagem encontram-se semelhanças com a apresentada anteriormente, tanto Maria quanto Jesus são apresentados com ethos que os tornam mais facilmente parecidos com a população em geral da Europa.

Figura 2– Maria loira



Tela de Jacopo Bellini, "Virgem e o Menino" (1396-1470)

Na pintura é possível observar que tanto Maria quanto o bebe Jesus são apresentados com ethos predominantes em pessoas brancas sendo mais evidente os olhos azuis e os cabelos loiros.

Figura 3 – Maria

Tela de Tommaso Masaccio, "Madonna e o Menino" (1401-1428)

A terceira pintura segue o padrão das anteriores, mostrando uma Maria loira segurando um bebe Jesus também loiro.

Dessa forma, a religião cristã durante a Idade Média associou maternidade, amor, doçura e carinho a Maria e os artistas medievais pintavam Maria a imagem de mulheres brancas. Essa equação fez com que, na contemporaneidade, finalizasse por relacionar mulheres brancas como mães boas e amorosas.

No entanto, só a construção da maternidade privilegiando mulheres brancas não é o suficiente para justificar a dissociação da maternidade com mulheres negras. Essa dissociação, aconteceu devido a um longo processo de desumanização das mulheres negras escravizadas. Através de teorias científicas enviesadas, produções literárias ideológicas que frisaram o caráter animalesco, sexual e cruel de mulheres negras. Como argumenta Angela Davis (2016, p. 25. grifo da autora) “Uma vez que as escravas eram classificadas como ‘reprodutoras’, e não como mães, suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezerros separados das vacas.”. Ou seja, enquanto as mulheres brancas eram associadas a uma entidade bíblica, as mulheres negras escravizadas eram vistas como propriedades e tratadas de forma equivalente a de um animal.

Além de que, existiam leis governamentais que impossibilitaram a mulheres escravizadas terem direitos sobre os seus filhos. Com explica bell hooks:

Ao contrário da descendência das relações entre homens negros e mulheres brancas, a descendência de qualquer mulher negra escrava sem levar em conta a raça do seu companheiro seria legalmente escrava e assim propriedade do dono a quem a escrava pertencia. (Hooks, 2014. p. 14)

Em outras palavras, mesmo que uma mulher negra escravizada engravidasse de um homem livre a criança nasceria escravizada e seria uma posse de um senhor

de escravos. Fazendo com que diretamente a filiação maternal com mulheres negras se tornasse um peso ao mesmo tempo, em que impossibilitava que a criança e a mãe possuísem uma relação duradoura. Em virtude de que, ambos estariam à mercê dos caprichos do senhor de escravos.

Sob esse viés, percebe-se que a sociedade brasileira estruturalmente vive em um paradoxo. Por um lado a figura da mãe, branca, tem sido particularmente exaltada, no entanto, o imaginário sobre quem é uma mãe e quem é apenas um “animal” de reprodução, e que por isso pode ser separada dos filhos, é bem delimitado. Apesar de a literatura brasileira não ter sozinho regido essa dinâmica, ela foi fundamental para a normalização de tal regime.

Historicamente, a literatura tem sido usada como forma das classes dominantes disseminarem os seus valores para as classes oprimidas como meio de legitimação de suas práticas. Observasse isso, principalmente, no Romantismo (1836-1881), escola literária marcada pela exaltação aos heróis burgueses. Caracterizados pelas posses econômicas, pelo egocentrismo, pela religiosidade e pela idealização da mulher.

Além disso, cabe ressaltar que durante o Romantismo os livros que idealizavam as mulheres tiveram mais aclamação nacional do que os livros escritos por elas. Visto que, a literatura brasileira tem majoritariamente priorizado os seus autores em detrimento de suas autoras. Como afirma o doutor em literatura comparada Nascimento (2010, p.01):

Culturalmente, o romance no Brasil (segundo a historiografia literária), [...] constituiu-se a partir de obras escritas exclusivamente por homens, deixando, porém, os romances produzidos por mulheres à margem do discurso histórico, que normatiza e define as linhas gerais do fenômeno literário, [...] Nesse sentido, não se encontra, na historiografia tradicional brasileira, a contribuição feminina para o romance.

Ou seja, fazendo com que por muito tempo toda a noção do que é, ser mulher e mãe na literatura fosse construída pelo olhar masculino da branquitude. Tal fato torna-se mais marcante quando se acrescenta a questão da raça. Como explica a escritora Conceição Evaristo: “A representação literária de mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor.” (EVARISTO, 2005, p.52). Ou seja, a literatura brasileira consolida o imaginário coletivo do que são mulheres negras

privilegiando o olhar da branquitude sobre os corpos delas, olhar esse que as enxerga apenas como corpos que procriam ou corpos para o ato sexual.

A partir disso, a única relação que prevaleceu, na literatura sobre a maternidade de mulheres negras escravizadas, foi a da “mãe preta”. Segundo a antropóloga mineira Lélia Gonzalez explica, a origem do imaginário “mãe preta”, surge ancorado ao da mucama, pois “Enquanto mucama, cabia-lhe a tarefa de manter, em todos os níveis, o bom andamento da casa grande: lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre “livre” das sinhazinhas.” (Gonzalez, 2016. p.403), ou seja, a mucama é aquela que passa por todo tipo de sofrimento devido à escravização e desenvolve um grande amor pela criança dos seus proprietários. O que se conceitua como a “mãe preta”:

Foi em função de sua atuação como mucama que a mulher negra deu origem à figura da “Mãe Preta”, ou seja, aquela que efetivamente, ao menos em termos de primeira infância (fundamental na formação da estrutura psíquica de quem quer que seja), cuidou e educou os filhos de seus senhores, contando-lhe histórias sobre o quimbugo, a “mula sem cabeça e outras figuras do Imaginário popular (o zumbi, por exemplo). Vale notar que tanto a “Mãe Preta” quanto o “Pai João” tem sido explorados pela ideologia oficial como exemplos de integração e harmonia raciais, supostamente existentes no Brasil. Representariam o negro acomodado passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu segundo a maneira cristã oferecendo a outra face ao inimigo. (Gonzalez, 2016. p.403)

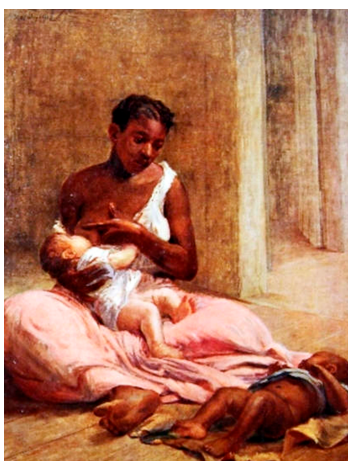
Dessa forma, observa-se a única dinâmica onde o imaginário de mãe poderia ser aplicado a mulheres negras seria quando ela estivesse ao cuidado de crianças brancas. Tal fato, fez com que o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre (1933) em seu livro *Casa Grande & Senzala* disserta-se que o Brasil, da Segunda República, tinha uma relação racial pacífica. Como se a dinâmica estabelecida durante o período de escravização tivesse criado algum laço fraternal entre brancos e negros.

No entanto, o Doutor em Teoria e História Literária Luís Bueno ao comentar sobre o livro “*Menino de Engenho*” do escritor José Lins do Rego, contemporâneo a Freyre, ressalta que a escravização em nada contribui para haver uma boa relação entre os escravizados e os escravizadores:

[...] É com total despudor que ele (Calinho) falara, por exemplo, das ex-escravas, que continuam trabalhando de graça, ‘com a mesma alegria da escravidão’ e ‘a mesma passividade de bons animais domésticos’. Mas o narrador deixa escapar uma outra visão: ‘O costume de ver todo dia esta gente na sua degradação me habituava com a sua desgraça. Nunca, menino tive pena deles’.

Em outros termos, durante muito tempo, estudiosos brancos, dissertam como a relação de cuidado entre mulheres negras escravizadas para com crianças brancas seria o meio pelo qual acabaria o racismo, pois ao serem cuidados por mulheres negras na primeira infância ao crescerem os senhores de escravizados não seriam racistas e não as veriam como inferiores. Entretanto, o que de fato aconteceu é que ao verem mulheres negras escravizadas sendo forçadas a sobreviver em um sistema econômico em que a existência delas era para se, em torno de servir pessoas brancas. As crianças que foram cuidadas por elas ao crescerem e se tornarem os senhores de escravos acabavam normalizando esse sistema. Não só isso, como também só conseguiam ver mulheres negras como pessoas, quando elas estavam a serviço de crianças brancas qualquer outra situação fora essa, essas mulheres eram vistas como “animais domésticos”.

Figura 4 - Mãe Preta



Tela de Lucílio de Albuquerque (1912)

Na pintura acima, uma das poucas sobre mulheres negras mães no século XX, é possível observar como o pintor brasileiro Albuquerque conseguiu expressar na tela uma situação recorrente devido à escravização. As mães negras que não podiam alimentar os seus filhos, pois precisavam amamentar as crianças brancas. Dessa forma, perceber como as dinâmicas da escravização fizeram com que socialmente essas mulheres só fossem vistas a partir da ligação delas com as crianças brancas.

Sendo assim, é compreensível que a autora, consciente dos imaginários de mulheres negras presente no Brasil, do Segundo Reinado, ao descrever Susana e a

relação que ela tinha com Túlio tivesse a necessidade de explicar aos seus leitores que aquela escravizada diferente do que eles estavam acostumados não era uma figura maléfica, animalesca ou promíscua. Assim a autora de *Úrsula*, primeiramente, apresenta uma maternidade da qual o seu público já tinha uma simpatia prévia. A “mãe preta”, uma mulher que está em uma situação cruel e desumana, mas que isso não a torna menos humana ou menos capaz de exprimir amor e carinho para o próximo, mesmo que esse próximo beneficia-se do seu sofrimento e encarceramento como é o caso da protagonista *Úrsula*.

Vejamos um trecho do capítulo “A preta Susana”, que apresenta o imaginário da “mãe preta”: “[...] não sabes quanto sofro quando recorda-me de que a nossa querida menina vai tão breve ficar só no mundo! [...]” (REIS, 2018, p.119). Nesse trecho é possível perceber que Susana por meio da enunciação desenvolve para si um *ethos* de preocupação e carinho, verbalização do quanto ela nutre um amor materno pela personagem *Úrsula*. Amor esse que, no trecho citado anteriormente demonstrará, inicialmente, sobrepor-se ao do seu próprio povo, pois ao saber da liberdade de Túlio a sua primeira reação é a preocupação com a personagem branca.

Outrossim, outro desdobramento do imaginário da “mãe preta” é quando Susana tenta convencer Túlio de que ele não está livre, apenas trocou de senhorio: “Meu filho, acho bom que não te vás. Que te adianta trocares um cativo por outro! [...]” (REIS, 2018, p.120). Sob esse viés, observa-se que o imaginário da “mãe preta” não se constrói unicamente no cuidado com a prole branca, mas com a antagonização da liberdade do escravizado. Como se o escravizado deve-se gratidão aos seus algozes por eles terem apenas tirado a sua liberdade e não ferido a sua integridade física.

Diante das afirmações de Susana, Túlio contra-argumenta que está trocando o cativo pela liberdade plena: “Não troco cativo por cativo, oh não! Troco escravidão por liberdade, por ampla liberdade! Veja, mãe Susana, se deve ter limites a minha gratidão [...]”(REIS, 2018, p.120). Além disso, Túlio explica para Susana que ele acompanhará Tancredo em sua viagem, por escolha própria, pois agora ele é livre como os pássaros.

No entanto, ele também diz que vai acompanhar Tancredo para provar-lhe que é agradecido, ou seja, ele está indo embora, mas esse “ir” muito mais do que

um ato de liberdade é um ato de gratidão: “[...] veja se devo, ou não, acompanhá-lo, se devo ou não lhe prova- até a morte o meu reconhecimento!...”(REIS, 2018, p.120)

Tal afirmação é suficiente para fazer Susana concordar com a partida de Túlio, pois ela compreende que ele não vai embora exclusivamente para aproveitar a “liberdade”, mas para demonstrar a um homem branco e rico o quão agradecido ele está por esse homem comprar-lhe a liberdade. Em consideração ao que Túlio lhe contou, Susana compreende que apesar de não ter um senhorio Túlio ainda não é livre e que nunca será, pois, ele sempre estará em um contexto do qual repetidamente deverá algo a pessoas brancas e que a sua única forma de “pagamento” é com a própria vida. Dessa forma, nota-se um desdobramento do imaginário da “mãe preta”. A felicidade pela liberdade de outro escravizado só ocorre quando é em função da branquitude, de outra forma, o que domina seria o sentimento o desgosto da suposta “ingratidão” de um escravizado para com o senhor de escravizados.

No entanto, ao assimilar o que Túlio falou, Susana solta um gemido de mágoa e explica que a palavra “liberdade” traz-lhe recordações dolorosas da vida antes da escravização. Na medida em que ela entende que Túlio jamais conhecerá a liberdade infinita.

A partir daí, a autora mostra um outro tipo de imaginário de maternidade, o da “mãe preta de apoio”. Essa seria a mulher negra, geralmente, mais velha que cuida com amor e carinho de outros negros mais novos. Inicialmente esse imaginário é apresentado quando no começo do capítulo supracitado não só Túlio referia-se a Susana como ‘mãe’, como Susana também referia-se a ele como ‘meu filho’, ou seja, por meio dos vocativos observa-se que ambos reconhecem a relação parental que existe entre eles. Dessa forma, Susana compartilha a história do seu sequestro na África para o seu cárcere no Brasil, pois ela entende que como mãe de Túlio, uma parte fundamental dessa maternidade é a passagem da história que os trouxe para o Brasil. História essa repleta de dor e saudade.

A partir daí o imaginário da “mãe preta de apoio” sobrepõe-se ao da “mãe preta”. Algo que fica explícito no trecho a seguir: “[...] Liberdade! Liberdade... Ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura. –Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu.” (REIS, 2018, p.120-121). Durante esse trecho, a personagem se permite não só

esquecer a mocinha branca como denunciar para Túlio que ela de fato presenciou e sentiu liberdade concreta.

Com base no trecho acima, Susana busca de forma eufemística contar a Túlio que a liberdade que ele tem é uma liberdade comprada e que ela se difere da liberdade de nascença. Dessa forma a maternidade que Susana oferece a sua comunidade, e nesse caso em especial a Túlio, é cercada de conselhos, por isso, inconsciente, ela lembra-o que por mais que ele não esteja acorrentado, no Brasil, ele jamais será livre completamente.

No entanto, além dos conselhos, a maternidade da “mãe preta de apoio” também constrói-se pela passagem da memória. Por isso, Susana conta a Túlio a história de como ela foi trazida ao Brasil: “[...] E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! [...]” (REIS, 2018, p.122). Como o trecho mostra, a escravização para Susana deu-se através de um processo, primeiro a capturaram e a encarceraram como fazem com animais e depois como resultado disso a escravizaram.

Ademais, como parte do seu legado materno, Susana conta a Túlio sobre a filha que ela teve antes de ser sequestrada: “Minha filha sorria para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo” (REIS, 2018, p.121). Nesse trecho, Susana constrói para si o *ethos* de maternidade biológica ou “mãe biológica”, pois na África ela foi mãe, e por um curto período de tempo ela usufruiu da relação. Tal conhecimento permite construir um imaginário sobre a maternidade que foi interrompida. Ou seja, enquanto ela cria e ama os filhos dos donos de pessoas escravizadas e dos filhos de outros escravizados, mas paradoxalmente ela carrega a dor de não poder criar e amar a sua própria progênie.

Enquanto fala sobre sua filha, Susana põe para fora por meio de suas palavras a dor que dilacerava o seu coração. Diante disso, Túlio a aconselha a não pensar nessas memórias já que elas são muito dolorosas. No entanto, Susana contra-argumenta que essas memórias “Não matam, meu filho. Se matassem, há muito que morreria, pois vivem comigo todas as horas.” (REIS, 2018, p.121). Ou seja, Susana ama a Úrsula e a Túlio como se fossem filhos biológicos dela, mas enquanto ela dá amor a eles, pensa constantemente na vida que ela tinha antes de ser sequestrada e na filha biológica que por ela não pode ser criada. Dessa maneira apresentando outro imaginário o das escravizadas que tiveram os laços maternos

com seus filhos biológicos rompido o que pode ser conceituado como “mãe interrompida”.

Inicialmente, Susana tinha como objetivo convencer Túlio a desistir de partir, pois acreditava que por Úrsula e a mãe dela por não terem feito coisas cruéis com eles, elas mereciam algum tipo de lealdade. No entanto, Túlio a convence que deve reconhecimento a Tancredo, por ele ter comprado-lhe a “liberdade”. Sendo assim, a idosa não só concorda com a partida de Túlio, como antes dele ir, compartilha as memórias de sua vida antes da escravização. Uma forma de passar a sua ancestralidade para a figura mais próxima de um descendente legítimo que ela tem, pois apesar de amar Úrsula, é para Túlio que ela passa esse legado e também o deseja bênçãos: “Vai, meu filho! Que o senhor guie os teus passos, e te abençoe, como eu te abençoo” (REIS, 2018, p. 124). Ou seja, ela compreende através de sua recordação que por mais gentis que Úrsula e Luiza B. fossem, eles ainda eram tratados como escravos e a única lealdade verdadeira que Túlio e os escravizados têm que ter é para com eles mesmos.

Sob esse viés, compreende-se que o conceito aqui desenvolvido de 'Imaginários' tem como ponto central o desenvolvimento do imaginário da "mãe preta". Isso ocorre porque, conforme conceituou o linguista Charaudeau, os imaginários, distintos dos estereótipos, não se limitam a um valor unicamente negativo ou positivo; trata-se de algo mais complexo. Da mesma forma, entende-se que o imaginário da "mãe preta" não é apenas algo negativo ao romantizar a condição dessas mulheres. A perspectiva pela qual esse imaginário se concretizou é um ponto enviesado pelos saberes psicossociais que moldavam os sujeitos discursivos, homens brancos, na época do Brasil escravagista.

Ao apresentar outros imaginários de "mães pretas" em diversas situações, desde aquelas que tiveram o contato cortado com os filhos nascidos no continente africano até as que se tornaram mães de outros negros escravizados, busca-se preencher as lacunas que, por muito tempo, foram apagadas. Em outras palavras, os "Imaginários" apresentam algumas das vivências de maternidade que as mulheres negras escravizadas viveram durante a escravização. Imaginários esses construídos por um sujeito discursivo feminino e negro. Longe de serem os contos de fadas vendidos pelos escritores da época.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho iniciou com base na proposta de estudar os possíveis imaginários sócio-discursivos sobre maternidade negra presente no livro *Úrsula* (1859) de autoria da escritora e professora maranhense Maria Firmina dos Reis, mas especificamente os imaginários presentes no capítulo IX nomeado como “A preta Susana”. Em razão de que é nesse capítulo que é desenvolvido os imaginários de maternidade em específico a negra.

Para a construção da pesquisa planejamos cinco objetivos específicos: (i) identificar os sujeitos da linguagem presente no capítulo; (i) identificar o contrato comunicacional do capítulo IX; (ii) Identificar os sujeitos da linguagem presentes no capítulo IX; (iii) descrever a situação comunicativa do capítulo IX; (iiii) descrever os *ethé* e saberes que mobilizam os imaginários presentes no capítulo IX; (iiii) descrever os imaginários e identificar possíveis efeitos de sentido.

Para alcançar esses objetivos, começamos apresentando a Teoria Semiociuística do linguista francês Patrick Charaudeau, com as contribuições da brasileira Ida Lucia Machado. Dado que, os estudos dele sobre sujeito discursivo, sobre saberes que constroem os imaginários e sobre a situação comunicativa são os instrumentos metodológicos utilizados para analisar o contrato comunicativo presente no capítulo supracitado. Em outros termos, a Teoria de Charaudeau contribuiu para a compreensão de como se dá a troca linguageira, dado que, nos diálogos existe um contrato de comunicação entre sujeitos da linguagem. Ou seja, em uma troca comunicativa teremos o meio pelo qual ela se concretiza, teremos a finalidade pelo qual ela é feita e teremos os indivíduos discursivos que a constroem. Além disso, os saberes que a legitimam.

Em seguida, foi feita uma contextualização de quem é a autora do livro, Maria Firmina dos Reis, e de como foi algumas das críticas escritas em jornais sobre o livro *Úrsula*. Além disso, nós buscamos resumir o livro *Úrsula* e discutir sobre o imaginário de maternidade no Brasil. Constatamos, com base nos estudos de Angela Davis (2016), bell hooks (2014), Conceição Evaristo (2005) e Lélia Gonzalez (2016) que devido à influência religiosa, literária e Legislativa, o país estruturou-se com base na legitimação da maternidade apenas de mulheres brancas. Dessa

maneira, houve a marginalização da maternidade de mulheres negras, em especial as em situação de escravização.

Ademais, no trabalho foi analisado como no contexto de escravização os saberes que sujeitos brancos construíram sobre mulheres negras contribuíram para que eles justificassem socialmente os crimes a que essas mulheres eram submetidas. Visto que, pela lógica dos escravizadores, se mulheres negras são más, cruéis e animais como a sociedade escravista dizia não haveria nada de errado em tirar os filhos de perto delas ou vendê-los. Ao extremamente conflitante com os preceitos religiosos, supervalorizados no período, que exaltavam a maternidade. Além disso, essa sociedade justificava que pessoas negras eram uma posse das pessoas brancas, então seria legítimo que mulheres negras cuidassem das crianças dos donos de escravos.

Sob esse viés, ao analisarmos o capítulo IX foi possível encontrar quatro tipos de imaginários sociodiscursivos sobre a maternidade de mulheres negras escravizadas (Imaginários). O primeiro foi o da "mãe preta", caracteriza-se pela relação maternal que mulheres escravizadas tinham com os filhos dos donos de escravizados, pelo antagonismo com a liberdade dos escravizados e pelo forte sentimento de gratidão aos proprietários de escravizados. Esse imaginário por muito tempo foi o único exemplo preponderante sobre a maternidade de mulheres negras escravizadas. Ou seja, essa era a única situação onde as escravizadas eram humanizadas por sujeitos discursivos brancos.

No capítulo, também foi encontrado o imaginário da "mãe preta de apoio" que se conceitua como uma mulher negra escravizada mais velha que apesar de não ter laços sanguíneos torna-se uma figura materna para os outros escravizados. Tendo ela legitimidade para narrar histórias do passado antes da escravização e/ou dar reprimendas e/ou conselhos.

Outro imaginário presente no capítulo é o da "mãe preta biológica" que são as mulheres que conseguiram ter uma vida e filhos antes da escravização. Dessa forma, não só ela era livre como a criança que ela teve nasceu livre. Essas mães compreendem que mesmo com a alforria os negros não possuem liberdade, pois com base na vivência delas a liberdade é algo completo algo inerente ao nascimento e que no Brasil para os negros a liberdade é comprada. Dessa forma, mesmo livres essas pessoas ainda teriam que demonstrar algum tipo de gratidão a pessoas

brancas. Além de que ainda estariam presas a imaginários negativos que as apresentavam para a sociedade como criaturas inferiores.

Por último, o imaginário da "mãe preta interrompida", esse imaginário é concebido quando ao serem sequestradas as mulheres negras perdiam o contato com os filhos que elas tiveram na África. O que gerava nelas um grande sentimento de perda pela vida que não puderam viver e pelas crianças que não puderam criar e amar.

Após, identificar os imaginários e os efeitos de sentidos que eles produzem foi desenvolvida a situação comunicativa do capítulo. Para isso, ao estudar os sujeitos da linguagem utilizamos o quadro proposto pela linguística brasileira Ida Lucia Machado (2012). No qual, ela criou um quadro com base no quadro sobre situação comunicativa de Charaudeau e o quadro sobre scriptor é lector do Peytard (1983).

Por meio do quadro comunicacional da pesquisadora Machado foi estudado como a escritora Reis ao construir o contrato comunicativo, no capítulo supramencionado, compreendia o público, homens brancos, que teria acesso à obra. Uma vez que no Brasil de 1859 os indivíduos com nível financeiro e educacional necessário para comprar e ler um livro era bastante homogêneo. Tendo isso em mente ao organizar o seu propósito comunicativo, de questionar a escravização e a suposta legitimidade que ela teria, Reis primeiro trabalha com os imaginários que os seus leitores têm do que é uma mulher preta escravizada.

Inicialmente, a escritora comunica aos leitores que Susana é uma pessoa "boa" e "compassiva" o que vai de encontro com o que a sociedade escravista pregava. Dado que a desumanização e animalização dos negros foi a principal tese defendida por sujeitos discursivos brancos para a legitimação da venda e compra de corpos negros.

Em seguida, Reis apresenta por meio das reprimendas de Susana a partida de Túlio o imaginário da "mãe preta" como forma de garantir a simpatização dos leitores, já que esse imaginário era até então o que permitia que eles vissem mulheres negras com pessoas.

Após estabelecer uma dinâmica de simpatia do leitor com a personagem, Reis desenvolveu a relação maternal de Susana com Túlio. Dessa forma, apresentando o imaginário da "mãe preta da comunidade" e assim dando autoridade a Susana a contar a trajetória que a trouxe ao Brasil para Túlio. A partir daí a autora por meio de Susana crítica a escravidão é mostra por meio dos imaginários da "mãe

preta biológica” e da “mãe preta interrompida” como um, dentre vários, dos males da escravização é a mutilação das relações maternas que essas mulheres sofreram.

Além disso, no final do capítulo a personagem Susana não só concorda com a partida de Túlio como o abençoa, o que finaliza o propósito comunicativo da autora em relação a esse tema. Pois, ela não só criticou a generalização, predominante na época, sobre como eram as escravizadas, criticou o imaginário de “mãe preta” e ainda expandiu as vivências das mães escravizadas fazendo com que o amor de uma escravizada para com o seu filho negro sobressaíssem ao sentimento de gratidão que a sociedade escravista exaltava.

Portanto, o estudo desses imaginários nos permite desconstruir o monopólio de narrativas feitas pela branquitude sobre o que foi a maternidade de mulheres negras escravizadas. Dessa forma, através de narrativas construídas por sujeitos discursivos negros, podemos questionar padrões de comportamentos e concepções equivocadas sobre o que foi a (sobre)vivência dos escravizados que se originam do período escravista. Para assim, construirmos uma reorganização social. Pois, da mesma forma que a cento e trinta e cinco anos atrás mulheres negras eram impossibilitadas de criarem os seus filhos por serem obrigadas a cuidar das crianças dos senhores de engenhos devido à divisão socioeconômica, hodiernamente a realidade brasileira não está distante desse passado.

6. REFERÊNCIAS

ADVERSATIVA. In: PRIBERAM, Dicionário. Porto: Lello Editores. 2023. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/sobre.asp>>. Acesso em: 27/07/2023.

ALMEIDA, Horácio de. Prólogo. **Úrsula**. Ed. fac-símile. Maranhão: Governo do Maranhão, 1975.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) Da língua ao discurso: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: **Lucerna**, 2005, p. 11-17

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional In : PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2009, p. 309-326., 2009

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. In: **Entrepalavras**. Fortaleza, v. 7, p. 571-591, 2017.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. edição. 1944. São Paulo : Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-53. ago. 2005.

FIORINDO, Priscila Peixinho. Ethos: um percurso da retórica à análise do discurso. **Pandora Brasil**, n°. 47, outubro de 2012. ISSN 2175-3318.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. *In*: RODRIGUES, Carla. BORGES, Luciana. RAMOS, Tania Regina Oliveira (Org). **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Funarte, 2016. p. 399-415.

HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher**: mulheres negras e feminismo. 1ª edição. 1981. Tradução livre. Rio de Janeiro, Plataforma Gueto, 2014. Disponível em:<nao sou-eu-uma-mulher traduzido.pdf>. Acesso em 08 de jul. de 2023.

MORAIS FILHO, Nascimento. **Maria Firmina dos Reis**: fragmentos de uma vida. Maranhão: Imprensa do Governo do Maranhão, 1975.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt. Romances escritos por mulheres do passado: historiografia literária e intervenções culturais. **Eutomia**, Ano 3, Edição 1, p. 1-15, Julho 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2º ed. Novo Hamburgo: Feevale. 2013

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 1 ed. São Paulo: Editora Penguin *Classics* Companhia das Letras , 2018.

RONCADOR, Sônia. O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 31. Brasília, janeiro - junho de 2008, p. 129-152.